



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

Entre “casos” e tipologias

Between “Cases” and Typologies

 Yolanda Gloria Gamboa Muñoz

Resumo: Proponho acompanhar determinados ângulos da problemática das tipologias e o uso diferencial dos “casos” em Nietzsche e Foucault, como parte de uma reflexão mais ampla sobre o problema da criação tipológica pensada como uma transversal na “história da filosofia”. A partir de um diagnóstico do presente em que a construção de *perfis* aparece na sua dimensão de previsão e condução de condutas, recorro a estudos de “casos” de caracterização psicológica realizados pelos referidos filósofos, localizando-os em conexão com seu operar entre “tipologias”. Finalmente, como uma forma de distinguir entre mapeamentos diferenciais, esboço uma distinção entre tipologias socialmente aceitas e a invenção de novas formas tipológicas a serem atingidas denominando as últimas de tipologias/alvo.

Palavras chaves: casos; tipologias; Foucault; Nietzsche.

Abstract

I propose to follow up certain angles of the problem of typologies and the differential use of “cases” in Nietzsche and Foucault, as part of a broader reflection on the issue of typological creation conceived as a transversal theme in the “history of philosophy”. Starting from a diagnosis of the present, in which the construction of *profiles* emerges in its dimension of predicting and conducting conducts, I draw on studies of “cases” of psychological characterization presented by these philosophers, situating them in connection with their operation within “typologies”. Finally, as a way of distinguishing between differential mappings, I outline a distinction between socially accepted typologies and the invention of new typological forms to be achieved, referring to the latter as typologies/targets.

Keywords: cases; typologies; Foucault; Nietzsche.

1. Uma aproximação aos casos e tipologias

Se em nossa atualidade *distinguir* tem se tornado uma forma de resistência diante da uniformização, isto é, da tendência a se autoavaliar, conduzir e direcionar a partir dos denominados “perfis”¹ de comportamentos, o “pensar em possíveis cruzamentos de casos e tipologias” não poderia ser diagnosticado como uma problemática do presente?

Todavia, somos constantemente arrancados desse nosso hoje tecnológico pelo peso que carregamos numa denominada “formação livresca”. No entanto, se a assumirmos como tal e a entendermos como simples ressonâncias de leituras, podemos formular uma pergunta tautológica: não será a partir da seletividade de determinadas leituras que hoje ousamos escrever sobre casos e tipologias? Leituras mais recentes nos persuadiram a falar em “progresso” somente em termos de conceptualização²; porém, ao nos situarmos nessa esteira, ficamos livres para esboçar transversais com conceitos ou termos desqualificados e desviantes (nesta ocasião casos e tipologias) que talvez permitam criar rupturas na mesmice que nos rodeia. Não é fácil sair do pântano... ao tentar nadar, frequentemente, afundamos nele.

Manteremos a problemática das tipologias como nosso horizonte. Sabemos que é um termo usado principalmente em distinções psicológicas e sociológicas com o objetivo de ordenar, distinguindo o “típico” de determinadas individualidades e utilizando os critérios de homogeneidade (ao interior de cada tipologia) e heterogeneidade (com outras classificações tipológicas). Nossa tentativa seguirá um desvio: pensá-las, pontualmente, em termos filosóficos a partir do que Nietzsche apontava como as tipologias do sábio, devoto e virtuoso já no cenário de Platão. Elas próprias constituindo e sendo o cenário? Escutemos como ressoava a fábula da forma mais antiga da Ideia: “O verdadeiro mundo alcançável ao sábio, ao devoto, ao virtuoso – eles vivem nele, eles são ele. (*Die wahre Welt erreichbar für den Weisen, den Frommen, den Tugendhaften — er lebt in ihr, er ist sie*)” (Nietzsche, 1888a/1985, p. 30).

Após acompanhar os seis cenários³ podemos dizer que nessa Fábula ocidental as próprias tipologias mudam em uníssono de acordo com sua relação e/ou constituição de um “verdadeiro mundo”. Até o último cenário em que se constata a morte, assassinato e expulsão conjunta do mundo verdadeiro e do aparente, emergindo um novo começo transfigurador: *Incipit Zarathustra!* quem traz

¹ Uso essa denominação atual em sentido amplo, porém me ateno a determinadas indicações a partir do artigo “*The Dividual: Digital Practices and Biotechnologies*” de Fernanda Bruno e Pablo Manolo Rodríguez, que explora o conceito de “perfil” dentro da estrutura da dinâmica individual e dividual, particularmente em contextos digitais.

² Principalmente os trabalhos de Paul Veyne sobre a conceptualização em história (Veyne, 1974, pp. 62-92).

³ Tentativa experimental materializada em: *Nietzsche a fábula ocidental e os cenários filosóficos* (Muñoz, 2014).

como presente a possibilidade de uma outra tipologia, o supra-homem⁴ ou além-do-homem (*Übermensch*).

No que diz respeito aos “casos” estamos lidando com um instrumento principalmente utilizado pelas análises psicológicas, mas que em um âmbito cotidiano faz referência ao que sai da regra (tipológica?), ao excepcional. Nossa limitação, nesta ocasião, será descrever algumas pontualidades do uso dos “casos” psicológicos na *discursografia* foucaultiana, o que por experiência, sabemos que acaba direcionando até escritos de Nietzsche, nas formas da adesão ou do afastamento. Todavia, a peculiaridade do uso foucaultiano dos casos poderia estar situada no procedimento experiencial que os introduz entre as relações de análises psicológicas-filosóficas-históricas e, tipologicamente, nas complexas análises discursivas.

2. Casos na discursografia foucaultiana

Nossa escolha, na ampla materialidade discursiva, será começar com a importância que Foucault dá aos *casos* psicológicos no texto “*Ludwig Binswanger et l’analyse existentielle*”⁵ retomando três casos dos pacientes de Binswanger. Limitemo-nos ao caso de Ellen West que, segundo Foucault, “teve o privilégio de seguir dois tratamentos psicanalíticos”. Ele retoma, cuidadosamente, a história da paciente dando grande importância aos próprios relatos, à obsessão de emagrecer, às frases pronunciadas e escritas, por exemplo, àquela dirigida a um dos irmãos (o menor) na saída do hospital: “A vida pesa sobre mim como uma nuvem”, como também à descrição minuciosa do dia do suicídio. Segundo sua análise o importante nesse caso é “a maneira em que se realizou a interpretação psicanalítica”. Para Foucault “o valor da clínica radica em obter suas conclusões com todo o rigor de que é capaz a psicologia” ao contrário, sua fraqueza é “considerar a conduta patológica, o universo patológico, o homem patológico unicamente no registro das consequências” (Foucault, 2020/2022, p. 81). Por isso, ele não nega que na experiência de Ellen West há dois tipos opostos que correspondem ao ideal de magreza (estudante de seu primeiro compromisso, a amiga do sanatório, o irmão menor) e à rejeição da gordura (burguesia judia: pai, irmão maior). Porém, afasta-se das teorizações: “dizer que a magreza é símbolo da ‘espiritualidade’ é pressupor uma teoria da imagem, admitir uma concepção filosófica do primado das sensações” (Foucault, 2020/2022, p. 82). Por outra parte, ao interpretar o sentido de um sonho de Ellen West, alerta que ele não deve ser procurado “em

⁴ Adoptamos a tradução proposta por José Jara (2013, p. 851).

⁵ O manuscrito foi escrito na década de 1950, quando Foucault ensinava psicologia na Universidade de Lille, mas só foi publicado em 2020 (Gallimard) sob uma edição estabelecida por Elisabetta Basso, sob a responsabilidade de François Ewald. A edição em espanhol de 2022 (Siglo XXI) esteve ao cuidado de Edgardo Castro e Senda Sterco.

interpretações que o mediatizem, mas captar-se de imediato na expressão onde toma corpo” (Foucault, 2020/2022, p. 84):

O erro primordial da psicanálise é romper a unidade na qual se expressa o paciente e distribuí-la a um lado e outro numa linha que separa o símbolo e o simbolizado, o consciente e o inconsciente, a expressão manifesta e as pulsões instintivas que subjazem a ela. Para a psicanálise a verdade está por essência sempre oculta, e o esforço de compreensão sempre se deve à inquietude de não se deixar enganar. Mas, ao menos, numa psicose como a de Ellen West, a verdade não é do teor do enigma: está presente em sua integridade na esfera de expressão da paciente. [...] A verdade da psicose está no mesmo lugar onde se expressa e em nenhuma outra parte. Não há que situar a doença no submundo do homem doente: está, por inteiro, em seu mundo. (Foucault, 2020/2022, p. 84)⁶

Na continuação do “caso” Ellen West, as análises de Binswagner seguem acompanhadas por Foucault, impossíveis de serem recolhidas em detalhe nesta ocasião, mas nas quais são descritas como um “tipo da espiritualidade desencarnada”: a volta de Ellen à universidade, seu ascetismo intelectual e sua vinculação a um estudante desse tipo. Descrições, que em função da temática deste artigo, poderíamos pensar como escolhas de uma certa tipologia vivenciadas como salvação. Todavia, para Foucault, essas condutas, junto à obsessão pela comida, simbolizam *conjuntamente*: “todas cobram seu sentido no desenvolvimento existencial que faz da morte o ponto de desdobramento da existência” (Foucault, 2020/2022, p. 90)

Numa ordenação temática retrospectiva de seus escritos Foucault dirá:

A leitura do que se tem denominado “análise existencial” ou “psiquiatria fenomenológica” teve importância [...] quando procurava alguma coisa diferente das grades tradicionais do olhar psiquiátrico, um contrapeso. Sem dúvida, essas soberbas descrições da loucura como experiências fundamentais únicas, incomparáveis foram importantes. (Foucault, 1980/1994, IV, p. 58)

Desse modo descreve o que ele fez em termos de “análise existencial” como uma “análise histórico crítica”. No intervalo cronológico, por exemplo, no curso *Les Anormaux* (1974-1975)⁷, desenvolve a temática do que cotidianamente entende-se por tipologias. Em geral, Foucault irá mapeando e desconstruindo o que, por diferenciação, poderíamos denominar tipologias estabelecidas

⁶ As traduções dos textos citados em espanhol e francês são de minha autoria. No artigo citado em inglês seguimos a tradução ao português de Gustavo Ruiz da Silva. Na tradução dos textos originais em alemão contamos com a ajuda da professora Susanne Bartsch. A revisão deste artigo em português foi realizada por Cristina Oropallo. A todos eles meu sincero agradecimento.

⁷ Limitamos nossa referência às três primeiras aulas desse curso.

em termos de poder/saber: indivíduo perigoso⁸, anormais. Nesse sentido lembremos que dentro das anomalias do século XIX Foucault descreve o monstro humano como grande modelo de todos os pequenos desvios e o monstro pálido (*pâle*), cotidiano e banalizado: “o anormal”. Acrescenta o indivíduo a corrigir (o incorrigível) e o masturbador. Assim lida com a descrição de três tipologias: o monstro, o incorrigível e o masturbador. É claro que Foucault os insere na rede de saber e poder que reunirá as referidas três figuras. Segundo sua análise será no fim do século XIX e no XX que aparece outra tipologia: o monstro moral (Foucault, 1999, p. 75) situação em que o crime terá uma natureza e o criminoso será caracterizado por sua criminalidade.

Porém, o que nos parece importante nessas descrições é a desmontagem ou a desconstrução que elas vão provocando. Assim como ele opera com as denominadas “essências” num trabalho genealógico⁹, ele o faz com as tipologias historicamente construídas. Em outras palavras ele descreve-desmonta “peça por peça”, simplesmente mostrando-as como formações de práticas históricas e políticas, inserindo nelas feridas críticas e produtivas. E nesses mapeamentos, qual é um dos instrumentos privilegiados? Segundo nossa leitura: a descrição de diversos “casos”. Prática que se estende às relações histórico-políticas de poder-saber que, em cada caso, amarram-se e enovelam-se perigosamente¹⁰.

Mas como teríamos que entender o uso dos “casos” na discursografia foucaultiana? Temos um antecedente interpretativo que repara nesta problemática:

A noção de “caso” é extremamente ambígua: ela tradicionalmente designa, tanto no vocabulário corrente como em seu uso científico, um fato certamente isolado [...] o uso foucaultiano do termo é ligeiramente diferente [...] o caso é precisamente o que parece não querer voltar para as malhas de nosso quadro interpretativo, ou seja, para falar como Foucault, o que se impõe em sua singularidade absoluta, o que escapa à ordem e afirma no contrafluxo dos processos de identificação e da classificação discursivos, o extraordinário. (Revel, 2002/2004, p. 75)

Acrescentemos nessa direção que materialmente os escritos de Foucault mostram diversos “usos” dos “casos” e, em especial, no que diz respeito às tipologias estabelecidas, a prática de introduzir constantemente diversos casos que talvez esteja ligada ao poder gerado pela sua

⁸ Especificamente dentro do jogo institucional, o “*indivíduo perigoso*” era diagnosticado por Foucault, em diversos escritos, na sua situação relacional; isso à medida que era uma entidade criada no cruzamento entre saber médico ou psicológico e a instituição judicial. Por esse mesmo caráter de ponto relacional, o “*indivíduo perigoso*” teria sido detectado por Foucault como suscetível de ser usado em “novas relações” o que se torna efetivo no artigo “*Vous êtes dangereux*” (Foucault, 1983/1994, IV, pp. 522-524).

⁹ Nos referimos à sua própria declaração em “*Nietzsche, la généalogie, l’histoire*” (Foucault, 1971/1994, II, p. 138).

¹⁰ Em uma exposição recente (III Encontro Foucault: perspectivas da margem, 2024) tratamos de o caso de romances de terror analisados por Foucault em termos de tipologia política.

efetividade. Em outras palavras, e ainda segundo nossa leitura, a introdução constante de “casos” parece contribuir para a desmontagem ordenadora e classificatória das tipologias historicamente aceitas e operantes. Nesse sentido tipologias e casos, na discursografia foucaultiana, não poderiam ser separados. Mesmo que não optemos por carregar o peso da polêmica expressão “real”, a referência a essa problemática em Judith Revel pode ser esclarecedora: “Um caso é sempre fundamentalmente real (ao contrário do ‘sonho’, do ‘fantástico’ e das ‘bizarrices da imaginação’) mas um real que transborda, excede, desordena, extrapola ‘a natureza’” (Revel, 2002/2004, p. 75).

É claro que ao lidar com a problemática das tipologias e dos casos somos direcionados ao legado de Nietzsche. Habitualmente não se faz a ligação dos “casos” e “tipologias” em Nietzsche/Foucault como materialidade discursiva a ser analisada. No entanto, apesar das diferenças efetivas com o tratamento discursográfico foucaultiano, podemos tentar explicitar determinadas pontualidades do peso nietzscheano que, ao nosso ver, se estenderá até sua discursografia por intermédio do trabalho mediador de Klossowski (um efetivo e pouco mencionado hóspede de Foucault)¹¹.

3. Apontamentos sobre casos e tipologias em Nietzsche

No que diz respeito às tipologias em Nietzsche mencionemos como um exemplo, o tratamento da tipologia do criminoso em sua época, pois ela se encontra em curiosa relação com a posterior caracterização foucaultiana já referida, do monstro humano e o monstro pálido (anormal) no século XIX. Ressonância niezschiana, pois em *Götzen Dämmerung* caracteriza-se “o tipo criminoso” (*der Verbrecher-Typus*) como “o tipo do ser humano forte sob condições desfavoráveis, um homem forte que tornaram doente” (Nietzsche, 1888a/1985, p. 104) distinguindo-o do criminoso comum (o pálido criminoso, o criminoso atrofiado) que não estaria à altura de seu ato: “[...] o que faz empalidecer o pálido criminoso é a impossibilidade de assumir conjuntamente o seu próprio ato e a imagem deste mesmo ato. É ainda mais a imagem de seu ato que o torna pálido, fraco, alquebrado” (Giacioia Jr., 2024, p. 48).

Na lembrança dessas últimas caracterizações, e em muitos outros aspectos, o recente artigo do professor Oswaldo Giacioia Jr. “O Louco, o Criminoso e o Gênio: Nietzsche e suas Fontes” é muito esclarecedor até no sutil direcionamento de como trabalhar as tipologias em Nietzsche. Nesse último aspecto não podemos esquecer sua “advertência”:

¹¹ Nessa relação, e na impossibilidade de tratar dela nesta ocasião, remetemos aos artigos: “Klossowski: um fantasma entre Nietzsche e Foucault” (Muñoz, 2021) e “Nietzsche nas mãos de Klossowski” (Muñoz, 2023).

As hipóteses teóricas de Nietzsche a respeito da criminalidade, das figuras de criminosos e dos principais fatores ou causas determinantes da ocorrência e disseminação dos crimes na sociedade – fatores biológicos, psicológicos, sociológicos, políticos e culturais – são frequentemente ambíguas e discrepantes; por vezes até mesmo aparentemente contraditórias. (Giacioia Jr., 2024, p. 43)

De maneira que talvez tenhamos que fazer mergulhar nessa ambiguidade pantanosa até o próprio desenho foucaultiano de tipologias historicamente constituídas, no caso de incluirmos nelas as fontes nietzscheanas. Outrossim, à desconstrução de tipologias socialmente aceitas talvez tenhamos que somar aquela operada pontualmente nos escritos de Nietzsche. Recorramos livremente a uma determinada caracterização tipológica do bandido e do poderoso (*Der Räuber und der Mächtige*) do comerciante e do pirata (*Handelsmann und Seeräuber*) realizada em *Der Wanderer und sein Schatten*, aforismo 22, cuja tradução alteramos conforme o original:

O bandido e o poderoso que promete a uma comunidade protegê-la de bandidos são provavelmente, no fundamental, seres semelhantes [*sind wahrscheinlich im Grunde ganz ähnliche Wesen*] somente que o segundo tira partido de outro modo que o primeiro: a saber, mediante contribuições que a comunidade lhe tributa regularmente, e não mediante extrações violentas [*Brandschatzungen*]. (Exatamente a mesma relação [*Verhältnis*] que há entre comerciante e pirata, que por muito tempo são uma mesma pessoa: onde uma função não lhe parece aconselhável exerce a outra. Propriamente, toda moral de comerciante [*Kaufmanns-Moral*] segue sendo só moral de pirata [*Seeräuber-Moral*] que se tem tornado uma esperteza mais refinada [*Verklügerung*]: comprar tão barato como se possa – e onde se possa, por nada, fazendo nulos os custos da empresa – e vender tão caro como se possa). (Nietzsche, 1880/2003, p. 25)

Com esses exemplos Nietzsche rompe com aquilo que, para diversas ordenações sociológicas atuais seria característico das ordenações tipológicas, nas quais a problemática da heterogeneidade deveria ser máxima entre as classificações e o critério de homogeneidade e semelhança operaria somente ao interior de cada uma delas. O que Nietzsche faz, na citada descrição, é introduzir *a analogia e a semelhança entre tipologias* (bandido e poderoso; pirata e comerciante) que, em sua atualidade cotidiana, e talvez ainda na nossa, permanecem afastadas e consideradas a partir da heterogeneidade entre si.

Já a introdução dos *casos* nos escritos de Nietzsche não tem necessariamente um papel pontual de desconstrução tipológica como em Foucault; todavia, eles guardam uma peculiaridade mais abrangente ao operar como “fortes lentes de aumento” (*wie ein starkes Vergrößerungsglas*) de uma situação historicamente mais ampla (Nietzsche, 1888b/1977, p. 51). Ele utiliza a expressão “*Fall*” para o caso Wagner (*Der Fall Wagner*). Assume que, num primeiro momento (*Nascimento da Tragédia*), ele o teria sobrestimado (*überschätzt*), literalmente avaliado em excesso (Nietzsche,

1882/1999, p. 619). De modo que podemos dizer que o “über” estava do lado do intérprete Nietzsche, e não do interpretado Wagner. Mas o caso Wagner será humorística e posteriormente ligado à situação de *décadence*¹², e em especial, de *décadence musical*, isto é, música despossuída de seu caráter transfigurador do mundo (*weltverklärenden*). Segundo o Nietzsche do *Ecce Homo* ele adivinha (*errät*) que precisa desmascarar o caso desse Cagliostro da música e da modernidade; todavia, será através do “caso Wagner” que vislumbra criticamente a situação da Alemanha de sua época (Nietzsche, 1888b/1977, pp. 120-126).

No entanto, não poderíamos considerar o “Problema de Sócrates” no *Crepúsculo dos Ídolos* como um outro “caso”? E ainda, por que não considerar o *Ecce Homo* como “o caso Nietzsche”? No *Crepúsculo dos Ídolos* Nietzsche não realiza a reconstrução histórica da Atenas da época, mas através da lente do “Problema de Sócrates” visualizamos uma Atenas que precisou de um Sócrates como salvador, porque estava em perigo, só tinha *uma* escolha: afundar ou ser absurdamente racional (*man war in Gefahr, man hatte nur eine Wahl: entweder zu Grunde zu gehn oder — absurd-vernünftig zu sein...*) (Nietzsche, 1888a/1985, p. 22). Já no *Ecce Homo* entramos em contato com um discípulo de Dionísio caracterizado em termos *de mais (mehr) e de superabundância (Überfülle)* que se autodescreve como Princípio Seletivo (*ein auswählendes Princip*); um caso de alguém, que, como *summa summarum*, era sadio! Não se desenha assim um caso de autossuperação do *décadente* que relega essa última autocaracterização (eu sou um *décadente*) somente à forma de um ângulo, de uma especialidade (*als Winkel, als Specialität*)? (Nietzsche, 1888b/1977, p. 43).

4. Casos e exemplos desde um pântano próximo

Fazendo uma dobra sobre alguns de nossos próprios artigos experimentais constatamos a introdução de determinados casos: o caso Chile (como exemplo de neoliberalismo), o caso Demétrio (como ruptura nas descrições da tipologia dos cínicos em Foucault) e, talvez, o caso Isócrates nas utilizações perspectivísticas de Nietzsche e Foucault¹³. Prática que nos levou constantemente a especificar as relações e diferenciações entre casos e exemplos. Nesta ocasião, limitemo-nos a citar o historiador Paul Veyne, quem constantemente solicitava exemplos aos seus “amigos filósofos”. Ele praticava efetivamente em seus escritos um procedimento que consistia em fazer descer o conceito

¹² Sobre as perspectivas e *nuances* da expressão *décadence* em Nietzsche contamos atualmente com o escrito de Isadora Petry (2024): *Afetos em Mosaico. Para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*.

¹³ Nos referimos respectivamente aos seguintes escritos: *Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?* (Muñoz, 2019); “O caso Chile como exemplo de neoliberalismo? Problematisações dos “casos” e dos “modos de vida” (Muñoz, 2023a); “Nas areias movediças do presente: o caso Chile” (Muñoz, 2023a); “A peça Isócrates no quebra-cabeça greco-romano de Foucault” (Muñoz, 2024).

morto¹⁴ para ser ativado pelo *comando superior do exemplo*. Nessa perspectiva, que não é alheia à ampla esteira nietzschiana francesa contemporânea, interessariam os casos e os exemplos, desde que não fossem dependentes nem ilustrativos de complexas ordenações teóricas. Opera-se assim em sentido marginal em relação ao modo platônico, que teria instaurado uma hierarquia na qual o exemplo era considerado uma simples ilustração do conceito. De modo que, ao trabalhar com “casos” e “exemplos” nos localizaríamos num âmbito político-filosófico contemporâneo assumido, neste aspecto, como não platônico, ou para-platônico¹⁵.

Todavia, num artigo entre tipologias e casos interessa-nos, como dizíamos ao começo, a ligação com um presente enquadrado por prognósticos em função de *perfis*. Segundo os estudiosos dessa problemática¹⁶ os perfis não são apenas autoexpressão, mas são moldados por interações com algoritmos. Esses algoritmos gerenciam e influenciam a visibilidade, modulam conexões e *antecipam* comportamentos potenciais com base em dados agregados. Dessa forma os perfis iriam além de refletir ações passadas; eles moldariam ativamente *o futuro* ao projetar padrões comportamentais, preferências e outras potencialidades. Essa natureza performática influenciaria assim as interações pessoais e sociais *on-line* e *off-line*.

É necessário esclarecer que nosso enfoque é cronologicamente anterior e outro, de modo que antes de poder avaliar as afirmações sobre os perfis e sua pretensa *antecipação* de comportamentos, nossa localização atual encontra-se caminhando através da ampla e pouco trilhada senda das tipologias filosóficas. Neste trabalho, ainda em desenvolvimento, nosso objetivo é tentar pesquisá-las como tais em Isócrates, Platão, Nietzsche, Klossowski, Foucault e Veyne, limitando-nos a citar só pensadores que fazem parte de caminhos já percorridos. Em seus escritos encontraríamos descrições conjuntas e diferenciais de tipologias institucionalizadas e aceitas, mantendo, como contraponto complementar, fios tipológicos lançados ao *porvir* explícita ou implicitamente (dependendo do caso, do pensador e do cenário em estudo).

É por isso que ao tentar constituir uma análise crítica resistente (da qual o presente artigo faria parte) de maneira a trilhar tanto o caminho das tipologias, como dos casos, impõe-se operar com a

¹⁴ Segundo nossa leitura, na parte submersa do *iceberg* veyniano, existe um diagnóstico da atualidade como aquela que vive a morte da verdade, ainda que as pessoas não saibam disso. Dessa maneira teríamos a importância atual dos casos e exemplos obedecendo à problemática ou ao já velho acontecimento da Morte de Deus (Veyne, 1989, p. 401).

¹⁵ A expressão para-platônico, que desde 1995 utilizamos no sentido grego do *para*, como *ao lado de*, sempre nos pareceu mais pertinente que os declarados *anti-platonismos*. Posteriormente encontramos reforçada essa posição, na leitura que Alain Badiou faz de Deleuze. Segundo Badiou, Deleuze teria proposto o “anti-platonismo mais generoso, mais aberto às criações contemporâneas, o menos determinado pelo destino, o mais progressista. Só faltando-lhe terminar com o próprio anti-platonismo” (Badiou, 1997/2018, p. 140).

¹⁶ Nos referimos em geral ao artigo já mencionado “*The Dividual: Digital Practices and Biotechnologies*”. Os sublinhados em *itálico* são nossos.

velha arte das distinções¹⁷. Distinguir as ocasiões em que os pensadores referidos realizam descrições feitas no solo de seu presente (o que denominamos tipologias socialmente aceitas) e as ocasiões em que a descrição tipológica se realiza como *alvo* a ser atingido. Dessa forma ainda precisaríamos distinguir entre materialidades discursivas em função de *alvos*, nas quais predominariam um direcionamento a ser futuramente cristalizado como tipologia aceita, e/ou, diferentemente, tipologias inventivas nas quais prevalece a constante transformação em aberto. Só após esse trabalho de diagnóstico e distinção conjunta, somado à complexidade de cada caso filosófico estudado, é que talvez estejamos em condições de cruzar e pensar as diferenças com os denominados perfis atuais e suas pretensões de antecipar e influenciar comportamentos.

Esboçemos, a modo de fechamento, algumas distinções a serem feitas a partir das andanças dos personagens filosóficos mais atuantes neste artigo: Nietzsche e Foucault.

Se retomamos Nietzsche, por exemplo, podemos dizer não somente que as tipologias aceitas do sábio, devoto, virtuoso constituíam o “verdadeiro mundo” (*die wahre Welt*) e o próprio cenário platônico, mas que de seus diversos escritos emanam diferentes *tipologias-alvo* possíveis de serem vislumbradas; ele próprio declara em diversos escritos que *vê vindo* (*Ich sehe sie kommen*) outras tipologias: legisladores, filósofos do porvir, além-do-homem. Nesse aspecto, e num outro esboço tipológico (Muñoz, 2024, p. 93) nos perguntávamos se a descrição de tipologias aceitas (por exemplo, o último homem) não constituiria propriamente uma condição para “esculpir um tipo-homem sintético e redentor, o *além-do-homem* moderno”? (Giacoia Jr., 2005, p. 77)

Se vislumbrarmos em conjunto os diversos escritos de Foucault, um de seus afastamentos da esteira nietzscheana será, precisamente, o tratamento da dimensão tipológica do *porvir*. Assim, do mesmo modo que ocorre como o porta-voz *Zarathustra*, que será mencionado só até o *Theatrum Philosophicum* (1970/1994, p. 98) as tipologias psicológicas lançadas ao *porvir* permanecerão apagadas, ocultas ou rejeitadas como tais. Citemos um “caso” tipológico de apagamento discursivo. Todos os estudiosos do pensamento foucaultiano acompanharam a irrupção e caracterização discursográfica do intelectual específico, pensado com distância e como alternativa ao intelectual universal¹⁸. Porém, se levarmos em conta determinadas declarações foucaultianas posteriores, feitas na forma do *filósofo mascarado*, repararemos que Foucault disse *nunca ter encontrado intelectuais*,

¹⁷ Já encontramos essa problemática em Platão utilizada no duplo sentido de distinguir e diagnosticar. Lembremos, por exemplo, que na escolha entre vidas honestas, más e misturadas, deve-se saber quem “lhe dará a possibilidade e a ciência de distinguir” (618c) (*diagignw&skonta*) tendo em vista a natureza da alma e qual vida levaria a alma a ser mais justa (Platão, 1983, p. 494 e 1971, p. 378).

¹⁸ Também trilhamos, desde 1994, esse aspecto transformável, por exemplo, em “Mapeamentos problemáticos de uma ‘tarefa intelectual’ em Michel Foucault” (Muñoz, 2000, pp. 35-47).

mas escritores de romances, cuidadores de doentes, estudiosos econômicos, compositores de música eletrônica, gente que ensina, que pinta, e alguns que ele não compreende o que fazem, entretanto, intelectuais nunca encontrou. Encontrou muitos que falam do intelectual e que de tanto escutá-los ele pode fazer uma ideia do que “poderia ser esse animal”: “um culpado um pouco de tudo: de falar, de calar-se, de não fazer nada [...] Uma matéria primeira destinada a ser sentenciada, condenada, excluída [...]. Todavia, para ele, como filósofo mascarado, esse animal não existiria” (Foucault, 1980/1994, p. 105). Diante dessa desconstrução tipológica do intelectual, que abrangeria o universal e o específico, cabe se perguntar: Foucault estaria somente mascarando uma temática que lhe era cara para não ser descoberto por trás da máscara? Ou, efetivamente, em 1980, ele já não queria ouvir e falar sobre sua própria *caracterização/alvo* de um intelectual específico? Talvez pesasse demais seu próprio presente¹⁹ onde intérpretes repetiam em forma de cantilena essa caracterização e assim a tornavam tipológica no sentido de estabelecida, cristalizada e mumificada? Ou esse seu caso específico de desmonte utilizando uma máscara poderia abranger ambas as possibilidades?

Em todo caso, impõem-se perguntas, distinções e problematizações em aberto, em cada caso estudado. Sobretudo, no âmbito das *tipologias-alvos*, que em forma de desejo e prognóstico transitam entre as dimensões do presente anárquico, de um passado seletivo e de um futuro em que simplesmente *esperamos* ou, ao contrário, de um porvir em aberto, em que vamos lançando fios desde um presente ativo que possibilita assim o começo de sua efetivação?

Finalizemos, por enquanto, dando a palavra aos nossos personagens discursivos.

Nietzsche diagnosticando nos fios de um porvir psicológico:

Zaratustra, primeiro psicólogo dos bons, é – consequentemente – um amigo dos malvados. [...] não oculta que seu tipo de homem, um tipo relativamente supra-humano é supra-humano em relação com os bons, que os bons justamente chamarão demônio a seu supra-homem. (*Zarathustra, der erste Psychologe der Guten, ist — folglich — ein Freund der Bösen. [...] er verbirgt es nicht, dass sein Typus Mensch, ein relativ übermenschlicher Typus, gerade im Verhältniss zu den Guten übermenschlich ist, dass die Guten und Gerechten seinen Übermenschen Teufel nennen würden...*). (Nietzsche, 1988/1977, p. 131)

Foucault lançando tipologias ao porvir na complexidade dos fios discursivos:

Uma análise semelhante [da função autor] se ela estivesse desenvolvida, permitiria talvez, introduzir a uma tipologia dos discursos. [...] uma semelhante tipologia não poderia ser feita somente a partir dos caracteres gramaticais dos discursos, de suas estruturas formais e incluso

¹⁹ Sobre como lidar com o presente em Foucault [e Nietzsche] nossa tentativa experimental encontra-se materializada no artigo: “Teatro do presente: prática de uma anarquia radical?” (Muñoz, 2023b).

de seus objetos; sem dúvida existem propriedades ou relações propriamente discursivas [...] a elas é necessário se dirigir para distinguir as grandes categorias de discursos. (*Une pareille analyse [de la fonction-auteur] si elle était développée, permettait peut-être d'introduire à une typologie des discours. [...] une pareille typologie ne saurait être faite seulement à partir des caractères grammaticaux des discours, de leurs structures formelles, ou même de leurs objets; sans doute existe-t-il des propriétés ou des relations proprement discursives [...] et c'est à elles qu'il faut s'adresser pour distinguer les grandes catégories de discours.*) (Foucault, 1969/1994, I, p. 810)

Referências

- Badiou, A. (1997). *Deleuze. El clamor del ser*. Buenos Aires: Manantial, 2018.
- Foucault, M. (1954-1988). *Dits et écrits (Vols. I, II, III, IV)*. Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1969). Qu'est-ce qu'un auteur? In M. Foucault, *Dits et écrits. Vol. I* (pp.789-820). Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1970). *Theatrum philosophicum*. In M. Foucault, *Dits et Écrits, Vol. II* (pp. 75-99). Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1971). Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In M. Foucault, *Dits et Écrits, Vol. II* (pp. 136-156). Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1980). Le philosophe masque. In M. Foucault, *Dits et écrits, Vol. IV* (pp. 104-110). Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1983). Vous êtes dangereux. In M. Foucault, *Dits et Écrits, Vol. IV* (pp. 522-524). Paris: Gallimard, 1994.
- Foucault, M. (1999). *Les Anormaux (Cours 1974-1975)*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2020). *Ludwig Binswanger y el análisis existencial*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2022.
- Giacoaia Jr. O. (2005). *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Passo Fundo: UPF.
- Giacoaia Jr. O. (2024). O louco, o criminoso e o gênio: Nietzsche e suas fontes. *Revista Modernos e contemporâneos*, 8(18), 43-55.
- Jara, J. (2013). Epílogo. In *Nietzsche, La ciencia jovial* (pp. 345-352). Valparaíso: Universidad de Valparaíso.
- Muñoz, Y. G. G. (2000). Mapeamentos problemáticos de uma “tarefa intelectual” em Michel Foucault. *Revista Margem*, 12, 35-47.
- Muñoz, Y. G. G. (2014). *Nietzsche. A fábula ocidental e os cenários filosóficos*. São Paulo: Paulus.
- Muñoz, Y. G. G. (2019). *Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?* São Paulo: Paulus.

- Muñoz, Y. G. G. (2021). Klossowski: Um fantasma entre Nietzsche e Foucault? *Princípios Revista de Filosofia*, 28(57), 89-102.
- Muñoz, Y. G. G. (2023a). Nas areias movediças do presente: o caso Chile. In P. Cupello (Org.). *Mulheres debatem M. Foucault* (pp. 243-256). São Carlos: Pedro & João.
- Muñoz, Y. G. G. (2023b). Teatro do presente: prática de uma anarquia radical? *Des-troços: revista de pensamento radical*, 4(1), 1-11.
- Muñoz, Y. G. G. (2024). Esboçando uma transversal tipológica. In J. Ponciano e I. Petry (Orgs.). *Meu caro Oswaldo Giacoia: quando o verdadeiro filósofo é o professor* (pp. 82-97). Rio de Janeiro: Multifoco.
- Nietzsche, F. (1880). *El paseante y su sombra*. Madrid: Siruela, 2003.
- Nietzsche, F. (1882). Die fröhliche Wissenschaft. In KSA 3, *Kritische Studienausgabe* 3 (pp. 343-651). Berlin: De Gruyter/DTV, 1999.
- Nietzsche, F. (1888a). *Götzen-Dämmerung*. Stuttgart: Insel Verlag, 1985.
- Nietzsche, F. (1888b). *Ecce Homo*. Frankfurt: Insel Verlag, 1977.
- Petry, I. (2024) *Afetos em Mosaico. Para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*. Curitiba: Kotter.
- Platão (1971). *La República*. México: Universidad Autónoma de México.
- Platão (1983). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Revel, J. (2002). O pensamento vertical: uma ética de problematização. In F. Groes, *Foucault, a coragem da verdade* (pp. 65-87). São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- Veyne, P. (1974). L’histoire conceptualisante. In J. Le Goff e P. Nora (Dir.), *Faire de l’histoire. Nouveaux Problèmes*. (pp. 62-92). Paris: Gallimard.
- Veyne, P. (1989). Foucault et le dépassement (ou achèvement) du nihilisme. In G. Canguilhem, *Michel Foucault philosophe. Rencontre Internationale* (pp. 399-404). Paris: Éd. du Seuil.